



---

## Pensar ensino, pensar a prática – uma proposta de ensino baseada da filosofia de Platão e Aristóteles

---

POR PATRÍCIA DOS REIS COSTA

tisadrcosta@hotmail.com

### Introdução

O que se pretende enquanto nação latino americana é alcançar meios de autonomia de si, para então e finalmente, cumpramos o dever cidadão. Tal epígrafe refere-se ao que a formação escolar, unida ao social sejam capazes de promover aos indivíduos. Como alcançar tal objetivo se o que vemos comumente em nossa pratica escolar seria a mera reprodução na qual vigora o *status-co* social.

Dada as demandas provenientes dos próprios alunos no sentido da aquisição do conhecimento envolvidos no tocante a questão dos conteúdos que são transmitidos em sala de aula, iniciou-se uma discussão indubitavelmente acerca do que seria possível fazer em sala de aula. Sendo assim, surgiu um grande desafio em relação a esta prática: dar um sentido empírico ao que é feito com os alunos, ampliando as pesquisas destacadas entre a questão do ensino.

Desenvolver saberes junto a um grupo que inicialmente apresentam pouco ou nenhuma vontade de fazer filosofia em sala de aula, ainda com a transmissão de ideias muito distante do que o chamado bom senso poderia aceitar: saberes pouco conexos, dogmas pouquíssimos estruturados, pouca formação. Em suma, sujeitos que pouco se interessam pelas estruturas do conhecimento.

Paralelamente, observa se as vontades de compreender como os processos do saber atingem e modificam estes sujeitos. Pensar sobre o que temos de interesse nos indivíduos é o que mais motivou o desenvolvimento de tal experiência. Observar o ser que se modifica, através daquilo que se denomina enquanto aquilo que "profana" a



educação tradicional, no sentido que atingem as novas possibilidades do fazer-ensino.

### **O Caminho da mediação da Filosofia à Filosofia da Educação – um memorial sobre a construção da própria prática**

Com a inserção nas séries multidisciplinares da Educação Infantil, foi possível perceber uma nova abrangência de um ensino, que possui uma demanda última de criar um sujeito autônomo. Este primeiro adjetivo porém, passou a ter sentido gradual, na percepção das ações, de um modo de ser que autoriza a criança auto denominar-se enquanto criança e não como um adulto em miniatura. Assim, surge uma nova demanda: o ouvir o sujeito em potência de si para então iniciar que a investigação daquilo que pretende chamar-se de autonomia.

Nesta experiência ainda empírica, foi necessário atribuir-se a si mesmo um papel distante da figura do Professor – o professor com P maiúsculo, de forma alinhada, objetivada, aquele que ensina o que já está pronto, aquilo que é, que não falha, não erra, para um papel de mediação, enquanto um ser humano suscetível de falhas, que necessita de ajuda tanto interna (dos alunos), quanto externa (dos atores escolares e dos responsáveis) para todos juntos, reunidos, construir ensino.

A proposta obteve sucesso de maneira extremamente eficiente, sob a qual os alunos aprenderam a conviver entre si, dividir o que é seu, respeitar o espaço público consciente, compreendendo que a todos pertencem, além de compreender algumas pequenas palavras, seu próprio nome, além dos livros e textos estudado ao longo dos anos letivos.

Com a inserção no Curso de pós graduação em Ensino de Filosofia, tanto os aspectos teóricos, quanto práticos, vão aos poucos, ganhando um contorno muito mais sólido, mais consciente, pautado na percepção máxima socrática “só sei que nada sei”, buscando sempre o papel mediador para iniciar a investigação sobre algum objeto. Contudo, foi em Aristóteles, em sua *Física I*, que a prática passa a ser fundamentada:



quando surge um objeto a ser investigado, é necessário abrir as partes de um todo, para então reorganizá-lo em ganhar sentido.

O melhor exemplo disso, foi o entendimento do vazio do número zero com as crianças: visto que o algarismo “0” nada representa sozinho, é possível representa-lo com o que não temos na escola. Neste momento, as crianças iniciaram uma listagem do que não havia naquele espaço, compreendendo até o sentimento que a ausência acarreta no sujeito, a ponto de uma criança dizer: “como o zero é um número triste quando é sozinho...é preciso que na escola tenha parquinho para ela não ser triste”! A criança neste momento significou o que muitos de nós estudante das mais variadas modalidades de ensino, não conseguem expressar.

De fato, uma escola sem brinquedos, é uma escola que falta alguma coisa. A partir daí inicia uma investigação, com base no letramento do que temos materialmente, e imaterialmente; o que é possível ter, o que é necessário construir. No fim, o objetivo estava sendo alcançado – as crianças já estavam pensando de modo autônomo, de forma que as mesmas passaram a expressar-se com base de sua própria mente. Desta maneira, já inicia uma aproximação com o pensamento Platônico, mais precisamente no diálogo *Menon*, na qual Sócrates, construindo as indagações corretas, mostra ao jovem estudante que todos os sujeitos possuem entendimento, basta resgatá-los.

Tal resgate, agora mais consciente, está sendo aplicado na Escola Municipal Professora Racy Ribeiro Morandy, localizada no município de Seropédica, região Metropolitana do Rio de Janeiro. Com a regência da disciplina de Filosofia nas classes do Primeiro ao Quinto ano do Ensino Fundamental, a possibilidade de construir algo com os alunos passa a ser mais precisa. Primeiro pelo fato da própria disciplina buscar a verdade e pelo próprio público mais amadurecido. A partir de então temos Platão e Aristóteles fornecendo um sentido ainda maior na prática de sala de aula: dinâmicas com finalidade e sentido próprio, auxiliando o estudante aprender a aprender.

**O primeiro caminho: a inserção nas primeiras linhas da *Física I* de Aristóteles**



A filosofia surge pelo espanto, a partir do que Aristóteles denomina enquanto admiração "thauma". Este campo de pensamento aparece indagando sobre a natureza, de questões mais simples, partindo para a complexidade no tocante ao cosmos. Emerso de saberes, indagando-se cada vez mais acerca dos entes, o homem desvela-se sob uma forma de ceticismo a partir da máxima ecoada pela voz de Sócrates - filósofo conhecido a partir dos textos de Platão: "só sei que nada sei".

Fazer filosofia ainda é um modo de escapar das armadilhas ao senso comum. Indagar acerca de si mesmo e dos outros em última instância, da natureza apresenta-se enquanto uma tarefa atemporal e própria do saber filosófico. Nesta jornada de ir além daquilo que direciona ao real, ao que em última instância é possível chamar de ciência, é necessário encontrar os entes que convergem ao saber, ao conhecimento próprio das coisas da natureza.

A partir do breve exposto, elucida-se o questionamento acerca deste homem, o filósofo que é capaz de re-conhecer os entes e apreendê-los de sentidos. Alcançando o entendimento do homem - filósofo enquanto o Ser capaz de compreender aquilo que movimenta a natureza, enquadra-se uma indagação adversa ao primeiro homem a ser investigado: o homem não-filósofo é capaz de compreender a natureza em si mesma? Caso o Ser não-filósofo desvele os entes naturais, apenas resta a última indagação: como o homem, não possuindo o Ser do filósofo é capaz de apreender de sentidos aquilo que é próprio da natureza?

**Precisamente na gênese do ato de indagar do sujeito acerca de si mesmo e da natureza dos entes a partir do pensamento de Aristóteles, concentra a intenção deste ante projeto de mestrado. Procurar elucidar o princípio da cogniscidade humana parece ser uma tarefa propriamente da filosofia, sobretudo baseando-se no pensamento do mais célebre estagirista de seu tempo, que dará base a investigação acerca da apreensão do homem em relação aos entes da natureza, afastando as possibilidades que o limitem a pensar. Nas primeiras linhas da *Física I*, Aristóteles fornece o horizonte epistemológico que o filósofo procura estudar acerca dos entes da natureza:**



Tal percurso naturalmente vai desde o mais cognoscível e mais claro para nós em direção ao mais claro e cognoscível por natureza. Pois não são as mesmas coisas que são cognoscíveis para nós e cognoscíveis sem mais. Por isso, é necessário, desse modo, proceder das coisas que, apesar de serem menos claras por natureza, são mais claras para nós, em direção às mais claras e cognoscíveis por natureza. (Aristóteles, *Física I*, 184a 16)

Destarte, é possível compreender a necessidade de organização no tocante ao conhecimento dos entes: daquilo que é de mais fácil compreensão em direção aquilo que se torna mais complexo. Não obstante, é uma tarefa urgente perceber se é própria do filósofo tal investigação, uma vez que envolvem o conhecimento dos entes da natureza.

Nas primeiras linhas da *Física I*, o filósofo chama a atenção acerca objetividade necessária para o que irá posteriormente ser chamada de ciência clássica, para a investigação da natureza acerca de um ente, o alcance do conhecimento de um objeto que se mostre significativo de entendimento para o homem, dada na passagem 184a 10 da obra já citada:

Dado que em todos os estudos nos quais há princípios (ou causas, ou elementos), sabemos (isto é, conhecemos cientificamente) quando reconhecemos estes últimos (pois julgamos compreender cada coisa quando reconhecemos suas causas primeiras e seus primeiros princípios, bem como seus elementos), evidentemente devemos, de início tentar delimitar também o que concerne aos primeiros princípios da natureza. (Aristóteles, *Física I*, 184a10)

Sendo assim, é provável que nas mais variadas culturas, a estrutura de investigação da natureza, fundamentada por Aristóteles seja plausível e usual para o indivíduo que se coloca disponível ao homem o ato de conhecer, de fazer ciência. Obviamente, são vários os fatores que implicarão a “boa vontade” do indivíduo – ainda assim, os esquemas de formação de apropriação do saber estão dados, supondo de certa maneira que é possível conhecer os elementos da coisa e posteriormente, conhecer os seus princípios. É esta organização de saberes que é preciso ser feita desde o início da vida do homem.

Tal investigação constitui-se em um processo autônomo, na qual o sujeito que investiga,



que procura compreender o mecanismo de formação da natureza, parte sozinho rumo a tal jornada; entretanto o filósofo chama a atenção aos caminhos improváveis para a busca investigativa; o filósofo refuta à Parmênides e Melisso. E a refutação ele chama de "dizer, por um lado, que a premissa é falsa, e por outro, o argumento não conclui" (*Física I*, 186a 22). Pelo caminho da unidade do ente Aristóteles alerta para a impossibilidade de tal busca, pois existem os mais variados tipos de entes, como o estagirista descreve na primeira e terceira linha da passagem 185b 32 da *Física I*:

No entanto, os entes são muitos (...) ou por divisão, como o todo e as partes.  
(Aristóteles, *Física I*, 185b 31)

Para alcançar os primeiros princípios da natureza, é necessário afastar-se, de acordo com Aristóteles, daquilo que impeça de alcançar o real. Para o filósofo antigo, existem uma infinidade de entes; e a partir da refutação à Parmênides na *Física* que irá descrever na *metafísica* os muitos significados dos entes:

Posto que os predicados, uns significam substância, outra qualidade, outra quantidade, outra relação, outra ação ou paixão, outro lugar e outros tempos, o ente significa o mesmo que cada um desses predicados (Aristóteles, *Metafísica*.XIV, 2, 1089a 7-10)

Negar a diversidade dos entes dirigem a obscuridade para o conhecimento real da natureza. Sendo assim, conclui-se que de fato não é possível construir um conhecimento totalizante dos entes de imediato; ao contrário, é preciso fragmentá-lo, dissecá-lo para depois de alcançar a compreensão, buscar a totalidade de tal conhecimento ou entidade.

A tese do trabalho em construção é defendida sob a ótica do modo que o homem absorve conhecimentos. A insistência em desagregar os entes como forma de aprimoramento à apropriação de novos saberes em relação aquilo que a *Física* e a *Metafísica* de Aristóteles propõe a sustentar se faz-se enquanto objeto plausível de modo que o homem que propõe a investigar acerca de algum ente, constrói o caminho cognitivo a partir da clássica investigação acerca da natureza das coisas; a sistematização destes conhecimentos que iniciam de modo fragmentado e se tornarão, posteriormente, unitários, na qual o que passa a importar é o entendimento das partes



para então, em um segundo momento seguir ao entendimento da totalidade das coisas.

Olhar para o mundo de tal maneira que tudo se torna de vital importância é o que essencialmente gira em torno da mente do sujeito. Sendo assim, é notória a percepção do indivíduo em relação aquilo que se propõe a aprender. Tanto sob o aspecto racionalista quanto ao empirista, o homem ocupa o papel de investigador para a apreensão do sentido das coisas, independentemente da riqueza de recursos que a ela estão sendo apresentados: a própria natureza.

### **O segundo caminho: o interacionismo entre o ambiente e a formação de conceitos em Mênon**

Platão, utilizando o seu principal personagem Sócrates, demonstra a impossibilidade para o ensino das virtudes. Entretanto, o filósofo utilizará a demonstração do Teorema de Pitágoras indagando um escravo para comprova a tese de que qualquer indivíduo é capaz de resgatar os conceitos formados em outras experiências.

Muitos teóricos, por sua vez, têm enfatizado a ideia da reminiscência enquanto resgate de ideias já construídas em vidas passadas, esbarrando no que chama-se de inatismo – os entendimentos que o sujeito já possui. Neste sentido ele está pronto, impossibilitando de possuir qualquer novo saber.

Tal corrente trouxe, sobretudo, a países latino americanos, a concepção que é possível ensinar muito pouco aos nativos e aos africanos saberes subjugados, em detrimento à cultura europeia. E até nos dias atuais, muitos docentes lançam mão desta corrente para justificar o fracasso escolar de muitos alunos da rede básica. Contudo, o próprio Sócrates, ecoando sobre as palavras de seu criador, Platão demonstra como qualquer sujeito é capaz de atribuir-se de novos conceitos já formados, a partir de ideias consideradas então de senso comum.

Logo no início da demonstração que Sócrates fará ao Jovem estudante Menon, é observável o fato que será escolhido uma criatura que poucos saberes intelectuais domina, mas possui entendimento sobre o seu espaço:



*Sócrates:* - (Voltando-se para o escravo ao mesmo tempo que traça no solo as figuras necessárias à sua demonstração): Dize-me, rapaz: sabes o que é um quadrado?

*Escravo:* - Sei.

*Sócrates:* - Não é uma figura, como esta, de quatro lados iguais?

*Escravo:* - É.

*(Platão, Mênon)*

As coisas básicas, obviamente, o escravo sabe e todos sabem quando lidam com seu próprio ambiente. Sendo assim, temos uma pessoa, por exemplo que nunca obteve a oportunidade de estar na escola. Entretanto, possui amplo entendimento das linguagens matemáticas, como medição de área, comprimento, entre outros. Contudo, esta pessoa não é capaz de formar cálculos complexos sob a ótica formal. Sendo assim, temos aqui o mesmo exposto de Sócrates, vejamos:

*Sócrates:* - E quanto iguala duas vezes dois pés? Conta e dize!

*Escravo:* - Quatro, Sócrates.

*Sócrates:* - E não nos seria possível desenhar aqui uma outra figura, com área dupla e de lados iguais como esta?

*Escravo:* - Sim, seria.

*Sócrates:* - E quantos pés, então, mediria a sua superfície?

*Escravo:* - Oito.

*Sócrates:* - Bem; experimenta agora responder ao seguinte: que comprimento terá cada lado da nova figura? Repara: o lado deste mede dois pés, quanto medirá, então, cada lado do quadrado de área dupla?

*Escravo:* - É claro que mede o dobro daquele.

*(Platão, Mênon)*

Com as perguntas corretas, Sócrates irá desenvolvendo o pensar do escravo, que pouco compreende das coisas escolares. Assim como é possível notar com várias pessoas dos meios sociais. Portanto, fazer as perguntas corretas e a partir de então, formular conceitos juntamente com o sujeito, poderá ser um caminho sofisticado e palpável para a formação de saberes autônomos.

Platão escreve em forma de diálogo, e muitos são aqueles que ministram suas aulas de modo textual, indagando ainda os motivos que fazem com que os seus alunos não





alcançam o entendimento. Ora, se não há diálogo, como haverá conclusões? Deste modo, podemos compreender que o diálogo platônico, sob a voz de Sócrates, pretende aqui construir, junto ao indivíduo, um saber autônomo, que ele sabe, por que já o tem, distintamente das aulas tradicionalistas, pautadas no inatismo que sugerem que o conteúdo está sendo transmitido porque você não o tem e dificilmente o terá.

A investigação pela natureza do conhecimento é assim o problema central desta obra platônica. Observa-se assim um contexto elucidante do Como é possível conhecer, problema este que se aproxima do exposto aristotélico em laudas anteriores. O “Como” aqui, obtém-se um sentido próprio do modo de fazer, da natureza daquilo que considera necessário saber. Os caminhos estabelecidos entre Platão e Aristóteles sugerem um saber mais autônomo, sobretudo numa inteiração ambientalista, na qual compreende que o sujeito atribui-se de saberes que a escola não obteve oportunidades de transmiti-los, seja por variadas questões, que o continente latino americano é capaz de desenhar em grande proporção.

Desta maneira, existe uma forma de fundamentação da própria prática discente: aquela que indaga, partindo de um pressuposto de conhecimento ambiental, seja a partir do desvelamento daquela comunidade, seja do conhecimento anterior daquele espaço; a oportunidade de expressão daquele aluno, fazendo de todos os espaços físicos da unidade de ensino enquanto sala de aula e o fazer – ensino debruçando a partir do hibridismo do que o aluno possui e daquilo que o mesmo passa a organizar. Em síntese, tem-se uma nova força de saberes na qual os alunos passam a compreender-se enquanto seres pensantes, e não como espectadores do processo.

Outro ponto considerado fundamental: apesar de Sócrates estabelecer uma demonstração a Menon, em nenhum momento o escravo foi um agente secundário do processo e sim um sujeito que pensa e raciocina, demonstrando então as suas potencialidades. E é justamente sob este aspecto que o aluno é visto dentro de tal fundamentação de ensino – sujeito ativo, pensante que expressa-se dentro de seus limites. E tal limite é ditado pelo mesmo, de modo que sente oportunizado de dar um



sentido maior aos conceitos que estão sendo estabelecidos no cerne da prática escolar.

### Porque não sabemos o que fazemos em sala de aula?

A obtenção de um *modus operandi* para o ensino aparenta ser uma antiga proposta. Variadas políticas públicas foram implantadas não somente nos governos brasileiros e sim nos mais variados países latino americanos, na qual modificavam-se a cada agenda governamental, provocando entendimentos controversos, não só aos discentes no que diz respeito aos conteúdos, mas também aos docentes que estavam inserindo-se nas escolas públicas naqueles tempos.

A realidade nos dias de hoje também não é diferente: a mudança de “filosofias” é constante no cerne das escolas em tamanha proporção que muitos são os docentes que pouco conseguem denominar o fundamento educacional que segue ao longo de suas aulas. Sendo assim, o que o discente como compreensão da filosofia da educação, são de tabelas como estas:

Nome	Corrente Filosófica	Contribuição para Educação	Frases
Jean William Frits Piaget Nasceu em 09 de Agosto de 1896 em Neuchâtel (Suíça) Falecimento em 18 de Setembro de 1980 em Genebra (Suíça)	Construtivismo	JEAN PIAGET CONSTRUÍU UMA TEORIA PEDAGÓGICA FUNDADA NO ESTUDO DA EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO ATÉ A ADOLESCÊNCIA, PROCUROU ENTENDER OS MECANISMOS MENTAIS QUE O INDIVÍDUO UTILIZA PARA CAPTAR O MUNDO, INVESTIGOU O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.	* O PROFESSOR NÃO ENSINA, MAS ARRANJA MODOS DE A PRÓPRIA CRIANÇA DESCOBRIR. CRIA SITUAÇÕES-PROBLEMAS" "A INFÂNCIA É O TEMPO DE MAIOR CRIATIVIDADE NA VIDA DE UM SER HUMANO"
Paulo Reglus Neves Freire Nasceu em 19 de Setembro de 1921 em Recife (Brasil) Falecimento em 02 de Maio de 1997 em São Paulo (Brasil)	Marxista	PAULO FREIRE É CONSIDERADO UM DOS PENSADORES MAIS NOTÁVEIS NA HISTÓRIA DA PEDAGOGIA MUNDIAL, TENDO INFLUENCIADO O MOVIMENTO CHAMADO PEDAGOGIA CRÍTICA. À SUA PRÁTICA DIDÁTICA FUNDAMENTAVA-SE NA CRENÇA DE QUE O EDUCANDO ASSIMILARIA O OBJETO DE ESTUDO FAZENDO O USO DE UMA PRÁTICA DIALÉTICA COM A REALIDADE. O EDUCANDO CRIARIA SUA PRÓPRIA EDUCAÇÃO, FAZENDO ELE O PRÓPRIO CAMINHO. DESTACOU-SE POR SEU TRABALHO NA ÁREA DA EDUCAÇÃO POPULAR, VOLTADA TANTO PARA A ESCOLARIZAÇÃO COMO PARA A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA POLÍTICA. PARA FREIRE, TODO ATO DE EDUCAÇÃO É UM ATO POLÍTICO.	"NÃO HÁ VIDA SEM CORREÇÃO, SEM RETIFICAÇÃO" "NÃO HÁ SABER MAIS OU MENOS: HÁ SABERES DIFERENTES" "ENSINAR NÃO É TRANSFERIR CONHECIMENTO, MAS CRIAR AS POSSIBILIDADES PARA A SUA PRODUÇÃO OU A SUA CONSTRUÇÃO: QUEM ENSINA, APRENDE AO ENSINAR E QUEM APRENDE, ENSINA AO APRENDER."
Lev Semenovitch Vygotsky Nasceu em 17 de Novembro de 1896 em Orsha (Rússia) Falecimento em 11 de Junho de 1934 em Moscou (União Soviética)	Interacionista	VYGOTSKY CRIOU A TEORIA DA ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL. NELA AFIRMA QUE EXISTEM DOIS NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO: DESENVOLVIMENTO EFETIVO, E O DESENVOLVIMENTO POTENCIAL, INDICADO PELO QUE O INDIVÍDUO PODE REALIZAR COM AJUDA DE OUTRA PESSOA MAIS EXPERIENTE. ESSE CONCEITO É IMPORTANTE, POIS NÃO É TODA CRIANÇA QUE VAI SE BENEFICIAR DE UMA INTERVENÇÃO. PERCEBE-SE ENTÃO A IMPORTÂNCIA QUE VYGOTSKY ATRIBUI AO PAPEL DA INTERAÇÃO SOCIAL. PARA ELE O SABER É CONSTRUÍDO SOCIALMENTE, O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM INCLUI SEMPRE AQUELE QUE APRENDE. TUDO ISSO É FRUTO DE UMA GRANDE INFLUÊNCIA DAS EXPERIÊNCIAS DE CADA PESSOA.	"AO BRINCAR, A CRIANÇA ASSUME PAPÉIS E ACEITA AS REGRAS PRÓPRIAS DA BRINCADEIRA, EXECUTANDO, IMAGINARIAMENTE, TAREFAS PARA AS QUAIS AINDA NÃO ESTÁ APTA OU NÃO SENTE COMO AGRADEAVES NA REALIDADE" "O SABER QUE NÃO VEM DA EXPERIÊNCIA, NÃO É REALMENTE UM SABER." "NÓS NOS TORNAMOS NÓS MESMOS, ATRAVÉS DOS OUTROS."

Extraído em <http://umminutodefilosofiaaeducacao.blogspot.com.br>, em

09/01/2015.

Na observação da tabela acima, é possível notar o extrato das ideias colocadas pelos filósofos da educação de uma forma extremamente resumida. O docente, por sua vez, estuda esta disciplina curricular com a finalidade de ser aprovado em concurso público



ou até mesmo para apenas ser aprovado na disciplina, enquanto estudante de licenciatura. Desta maneira, é pouco provável que o docente opere as suas aptidões de construções de saberes de modo consciente, de tal forma que a sua prática faça algum sentido para si, para os alunos e em última instância, para a sociedade.

### **Considerações finais**

No percorrer destes caminhos que giram em torno do pensar ensino, fundamentando-se nas filosofias aristotélica e platônica, tem-se um alvo principal: a formação conjunta de professor e alunos que buscam novas alternativas, para então formar-se enquanto seres autônomos. É preciso ter em mente que muitas tentativas serão realizadas, quando se faz da sala de aula um grande laboratório de ideias.

Justamente por compreender o espaço de aulas como um laboratório, que surge o entendimento de que a sala de aula é um espaço de fazer ensino, de criação de novas pesquisas e investigações escolares. Já disse o grande educador brasileiro Paulo Freire: *O professor é um pesquisador* (in. FREIRE...). Então surge mais uma indagação acerca da impossibilidade de um professor não fazer pesquisa, não refletir sobre a sua própria prática, a ponto de negar-se as críticas que um aluno está sujeito a expressar.

É notório as problemáticas levantadas pelo presente trabalho que está em fase de construção de ideias, mas o que é possível notar que a postura do aluno dos dias atuais é ativa, até mesmo quando este aluno está apático a todo processo. Desta maneira, quem necessita de mudanças de abertura de novas formas de pensar, dialogando de fato com a comunidade na qual este sujeito está inserido, é o professor, pois é este que se propõe, em primeira instância, a iniciar o processo de ensino.

O pensar sobre a prática é o que está em jogo. Sendo assim, tem-se um longo caminho para alcançarmos acerca daquilo que pretende-se ao longo deste trabalho. Apesar disso, a jornada para a concepção de novos saberes está aberta, de tal modo que a formação é contínua a cada aula, a cada dia de prática de ensino.



3er Congreso Latinoamericano  
de Filosofía de la Educación



FFYL · UNAM · ALFE



## Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. **Física I e II**. Prefácio, tradução, introdução e comentários, Lucas Angioni. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2009.

ALVES, Rubem A. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1984.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, Diário Oficial: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, v. 1, 1998.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, v. 2, 1998.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, v. 3, 1998.

\_\_\_\_\_. **Resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Brasília: CNE/CEB, 2009

KOHAN, W.O., LEAL, B. RIBEIRO, A. (orgs) **Filosofia na Escola Pública**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2000.

LIPMAN, Matthew. **O Pensar na Educação**. Trad. Ann Mary Fighiera Perpétuo. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_, SHARP, Ann Margaret e OSCANYAN, Frederick S. **A Filosofia na Sala de Aula**. Trad. Ana Luiza Fernandes Falcone. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

LORIERI, Marcos Antônio. **Filosofia no Ensino Fundamental**. São Paulo: Cortez, 2002.

PLATÃO. **Mênon**. 1ª edição. São Paulo: PUC-Rio; Loyola. 2001